



O CENTRO E AS MARGENS NA OBRA CRÍTICA E FICCIONAL DE J. M. COETZEE

THE CENTER AND THE MARGINS ON J.M. COETZEE'S CRITICAL AND FICCIONAL WORK

Kelvin dos Santos Falcão Klein¹

Resumo: Este artigo pretende-se um projeto duplo: ao mesmo tempo em que oferece uma análise dos principais romances do escritor sul-africano J. M. Coetzee, articula uma resenha crítica sobre o último livro lançado por ele, *Inner workings: literary essays, 2000-2005*, uma compilação de artigos, publicada em inglês em 2007. Os textos considerados, tanto ficcionais quanto críticos, oferecem uma visão da articulação e do diálogo que Coetzee promove entre as noções de centro, margem, identidade e pertencimento. Este trabalho foca, especialmente, os movimentos de revisão histórica que podem ser observados na obra dos escritores lidos por Coetzee em seus ensaios, e como isso se coaduna com seu próprio trabalho enquanto ficcionista.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Crítica literária. Identidade.

Abstract: This article seeks a double project: at the same time that offers an analysis of major novels from the South African writer J. M. Coetzee, articulates a critical review on the latest critical book released by him, *Inner workings: literary essays, 2000-2005*, a compilation of articles published in English in 2007. The texts considered, both fictional and critics, offer a vision of liaison and dialogue that promotes Coetzee between the notions of center, edge, identity and belonging. This study focuses, in particular, movements of historical revision that can be seen in the work of writers read by Coetzee in his tests, and how it fits with their work as fiction writers.

Key words: Contemporary Literature. Literary Criticism. Identity.

Nascido na Cidade do Cabo, África do Sul, em 1940, John Maxwell Coetzee vem produzindo, desde seu primeiro livro, de 1974, uma literatura comprometida com questões delicadas de nosso tempo. Entre seus temas mais recorrentes está a situação do apartheid e do pós-apartheid na África do Sul, o subdesenvolvimento das nações, a violência, a incomunicabilidade, questões sobre a ética, a barbárie e a civilização. Seus personagens são solitários em permanente desajuste com o ambiente ao redor, que teimosamente recusam o conforto da homogeneidade social.

Coetzee é descendente de bôeres, colonizadores holandeses da África do Sul, e retrata esse duplo pertencimento em pelo menos dois de seus livros: *Dusklands*, de 1974, e *À espera dos*

¹ Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Contato: kelvin.klein@gmail.com



bárbaros, de 1980. Ambos tratam do reconhecimento de terras estranhas por parte de estrangeiros, especialmente em termos de descoberta, conquista e manutenção. Sua familiaridade com o alemão e o holandês permite que sua atividade de crítico se expanda para autores normalmente não contemplados, como veremos adiante na análise de seus ensaios.

Em 2003, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. No lugar do tradicional discurso de agradecimento, leu um conto, “He and His Man”, onde retoma a figura de Robinson Crusóe, que havia usado no romance *Foe*, de 1986. O conto lido na entrega do Nobel é uma reflexão sobre a morte, o espetáculo, a solidão e a sociabilidade, questões que cruzam a mente de Crusóe enquanto ele procura compreender, ao longo da história, a verdadeira função daquele homem que escreve sobre e para ele. O homem que, no momento da leitura, ao receber aquele prêmio tão importante, refletia sobre si e sua ficção.

Também recebeu o Booker Prize, principal prêmio literário da Inglaterra, sendo o único escritor a ter ganhado por duas vezes. O primeiro foi conquistado em 1983, com *Vida e época de Michael K*, que conta a saga de um homem negro na África do Sul, um jardineiro pobre, que atravessa o país para realizar o último desejo de sua mãe: passar seus últimos dias na fazenda onde havia nascido. Em 1999, Coetzee conquista seu segundo Booker Prize, pelo livro *Desonra*, o relato da progressiva derrocada de um professor universitário da Cidade do Cabo, que é demitido por conta de um escândalo sexual e termina por se perder no interior do país, em meio à pobreza, violência e criminalidade.

Foram esses dois livros que garantiram um lugar de destaque para J. M. Coetzee no panorama literário mundial, desde a década de 80 até hoje. A figura de Michael K, o protagonista de *Vida e época de Michael K*, condensa em si a opressão sofrida por todo um povo durante o regime totalitário na África do Sul. Seu lábio fendido, que torna a voz abafada e pouco audível, é uma metáfora desse silêncio imposto, desse legado de autoritarismo que Coetzee observou na rotina sul-africana e que retrata, sem meias-palavras, em sua ficção. Ao narrar a trajetória de um homem, ele resgata a memória fragmentada de todo um povo, construindo um documento fundamental para a análise do recalçamento histórico que ocorre na reconstrução de uma nação.

Esse signo distintivo que ostenta Michael K, a marca do silêncio, está presente desde a primeira frase do livro, que diz: “A primeira coisa que a parteira notou ao ajudar Michael K a sair de dentro da mãe para dentro do mundo foi que tinha lábio leporino.” (COETZEE, 2003, p. 9). Mais tarde, já adulto, ao cruzar o país, ele veria que a África do Sul era um mundo de limites ainda mais cerrados que o ventre de sua mãe.



Na literatura de Coetzee, não há espaço para a idealização de uma comunidade, qualquer que seja. Enquanto *Michael K* apresenta um retrato dos efeitos do regime totalitário na parcela negra da população, *Desonra* abarca o outro lado, aquele que seria, aparentemente, mais tranqüilo: os redutos brancos e mais privilegiados da sociedade sul-africana. David Lurie, o protagonista, agoniza em um ambiente no qual o politicamente correto é uma regra inviolável e asfixiante. O ambiente acadêmico sul-africano é retratado como um sistema de patrulha permanente, um constante pisar em ovos, situação condizente com a fragilidade de uma convivência social em processo de reconstrução.

O ambiente branco em *Desonra* é puritano e preconceituoso. Ainda que não verbalizada, paira no ar a consciência de uma memória comum, que precisa ser deixada para trás custe o que custar. A maestria de Coetzee está em expor, simultaneamente, aquilo que se pretende encobrir e o processo de abafamento, sem que nenhum dos dois perca em sutileza ou ambigüidade.

O encontro da centralidade branca com a marginalidade negra ocorre quando Lurie é atacado na fazenda de sua filha Lucy, no interior do país. O resultado é desastroso, ele é espancado e tem o corpo incendiado: “Enquanto está ali caído, é ensopado com um líquido dos pés à cabeça. Reconhece o cheiro: metanol. (...) Um riscar de fósforo e vê-se imediatamente envolto em frias chamas azuis.” (COETZEE, 2000, p. 111-112). Esse encontro violento entre as diferenças, em *Desonra*, é apresentado como o resultado incontornável de uma sucessão interminável de violências, praticadas na esteira da intolerância estrutural presente na África do Sul.

A truculência dos homens que atacam o protagonista e sua filha constitui um contraponto às inclinações artísticas do professor, que passa as primeiras páginas do livro comprometido com um projeto poético: escrever uma ópera sobre a vida e os poemas de Lord Byron. Em suas aulas, ele analisa poemas de Wordsworth com seus alunos, sempre apáticos e desinteressados. E o estupro que sofre sua filha é um contraponto para as relações sexuais casuais do pai: primeiro com uma prostituta, todas as quintas-feiras, e depois com sua aluna. Decisão que leva à derrocada progressiva do professor David Lurie.

Mas a comunidade pobre e negra, que Lurie encontra no interior do país, não é formada somente por assassinos e estupradores. Ainda que desconfiados e pouco amigáveis, os indivíduos que moram no entorno da fazenda de sua filha se apresentam como que unidos por um mesmo interesse: cultivar a terra e construir um espaço calmo e habitável, depois de sobreviverem a tantos conflitos.



Coetzee, habilidosamente, acrescenta a apatia, e instaura a ambigüidade na representação dessa comunidade: na ferrenha vontade de permanecer em paz, o camponês acaba por simplesmente ignorar o estupro e a violência, alegando que tudo aquilo é muito comum na região, e que os brancos deveriam tomar cuidado. Ou simplesmente sumir dali.

J. M. Coetzee observa o mundo situado em suas margens, algumas mais evidentes, outras menos. A África do Sul, como lugar de nascimento e onde ocorreram as primeiras e mais significativas realizações ficcionais, é sem dúvida a margem mais proeminente na qual Coetzee se estabeleceu. Atualmente, ele vive na Austrália, na cidade de Adelaide, onde dá aulas em uma universidade. A Austrália, ainda que goze de uma condição mais favorável que a África do Sul, aparece, no contexto mundial contemporâneo, na margem. Uma margem sobretudo geográfica e cultural.

Um certo desconforto com a centralidade europeia, principalmente, está presente no relato autobiográfico que Coetzee realiza no livro *Juventude*, de 2002. Neste livro ele trata da própria juventude, em uma narrativa construída na terceira pessoa. O ponto a ressaltar é o momento em que o jovem sul-africano resolve viver na Inglaterra, nos anos 60. Seu sentimento de inadequação é evidente, e a sociedade inglesa deixa bastante claro que sua condição de estrangeiro é um fator negativo. Isso se materializa nos empregos mal-remunerados a que se submete e nas dificuldades que encontra para ser aceito pelas pessoas que conhece.

Em *Juventude*, o jovem sul-africano (chamado John) luta para se livrar de uma vez por todas do espectro de sua terra natal, que ronda sua vida no exterior. Precisa libertar-se dessas filiações que só o atrasam, uma vez que pretende para si uma vida de artista, de criador: não pode perder nem tempo nem energia com questões como a violência dos africanos (termo que designa não apenas os descendentes de holandeses nascidos na África do Sul, mas também a língua oficial do país, junto com o inglês), o apartheid ou as leis raciais.

Esse movimento de libertação nunca se completa: “A África do Sul é como um albatroz em torno de seu pescoço. Quer que seja removido, não importa como, para que possa começar a respirar.” (COETZEE, 2005, p. 112). Para o jovem que vivia na margem, e que passa a viver no centro, instaura-se um movimento de repulsão e atração para com a comunidade de origem. Ao mesmo tempo em que procura o desapego, o ambiente ao redor é um testemunho constante de que ele pertence a outro lugar. Por mais distante que ele estiver, dentro de si sempre haverá a marca de um pertencimento que está alhures.

A realidade australiana é um dado recente na produção literária de Coetzee, já que ele passou a morar na Austrália somente a partir de 2002. No ano seguinte publica *Elizabeth Costello*,



um livro que reúne oito histórias que têm como personagem principal uma escritora australiana, de projeção internacional. Elizabeth Costello tem sido apontada como uma espécie de alter-ego de J. M. Coetzee, um espaço ficcional que ele teria criado para manifestar suas considerações sobre a dupla condição de acadêmico e ficcionista. A figura de Coetzee é rica em duplos pertencimentos, e as histórias de Costello estão inseridas no contexto de palestras acadêmicas, que ela profere em encontros em universidades ao redor do mundo.

Com *Elizabeth Costello*, Coetzee pensa esse lugar de pertencimento que é mais rarefeito: a literatura. Como conciliar uma atividade crítica, de ensino, com uma atividade de criação? Como ser, ao mesmo tempo, juiz e réu? E talvez ainda mais importante: como equilibrar a vida comum, a rotina, com a vida construída para o escritor pelos jornalistas, leitores, especialistas e júris de prêmios literários? Neste livro, Coetzee procura misturar esses dois limites, mostrando que o escritor famoso e premiado é também uma pessoa como qualquer outra, propensa a falhas e lapsos.

Com o mesmo movimento que caracteriza *Desonra*, onde uma revelação é sempre acompanhada de um ocultamento, Coetzee, utilizando a terceira pessoa na narração de *Elizabeth Costello*, deixa suspensa a definição categórica daquilo que está sendo insinuado. O escritor, afinal de contas, é um ser diferenciado, tocado pelos deuses, ou uma pessoa como qualquer outra? Ou ambos? Esse é o questionamento que o filho de Costello, em um dos relatos, dirige a alguém:

você fica perplexa (...) diante do mistério do divino no humano. Sabe que minha mãe tem algo de especial e, no entanto, quando conheceu minha mãe ela acabou sendo apenas uma velhinha comum. Você não consegue juntar as duas coisas. Quer uma explicação. Quer uma pista, um sinal (COETZEE, 2004, 35).

Revela-se aqui mais um dos duplos pertencimentos que J. M. Coetzee vai incorporando ao seu projeto literário, onde o literário constitui, assim como o espaço geográfico de origem e de passagem, um lugar que propicia pertencimento, renovação e conflitos.

Em 2005, Coetzee publica *Slow man*, um romance que se passa em Adelaide, a cidade australiana em que ele vive. Conta a história de um fotógrafo, Paul Rayment, que perde uma perna quando é atropelado por um carro, enquanto andava de bicicleta. Neste romance também está presente a questão do (não) pertencimento e do olhar estrangeiro, recorrentes em sua obra, mas sempre tratados, a cada livro, de maneiras distintas. Em *Slow man*, o estrangeiro é Marijana, uma enfermeira croata que cuida de Paul, pela qual ele se apaixona.



Coetzee transfere a questão para a Croácia e para a Austrália, mas os elementos do drama permanecem os mesmos: a dificuldade de adaptação, os subempregos e a constante sensação de que talvez o novo lar nunca ofereça aquilo que o antigo oferecia. Da mesma forma com que Coetzee experimentou a inadequação do estrangeiro, quando foi para a Inglaterra na juventude, a croata Marijana, em *Slow man*, também se sente desenraizada. Em determinado ponto da narrativa, o marido de Marijana apresenta a situação da seguinte forma: “Marijana is tired all the time, from the nursing. Two jobs she’s got (...) A cultured person. It’s not good, this housework, for a cultured person. (...) Diploma in restoration – she tell you that?” (COETZEE, 2005a, p. 148).

Neste trecho há um duplo indício da falta de adaptação do estrangeiro: a queixa sobre a mulher que, mesmo com uma boa educação na Croácia, nada consegue na Austrália e o índice da linguagem, visível na construção equivocada da frase: “she tell you that?”. Marijana, com um diploma croata em restauração de obras de arte, não consegue um emprego em sua área na Austrália, e precisa, diante disso, arranjar mais de um emprego: servente geral, empregada doméstica, enfermeira.

J. M. Coetzee, além de ser um escritor com uma obra ficcional vasta, é também professor universitário e crítico literário. Seu livro de ensaios mais recente foi publicado em 2007, chama-se *Inner workings: literary essays, 2000-2005*, e reúne 21 artigos, publicados em periódicos, revistas acadêmicas e como introduções de livros. São análises sobre as obras de escritores variados: desde os americanos Whitman, Faulkner, Below e Roth até o polonês Bruno Schulz, o colombiano García Márquez e o indiano V. S. Naipaul, os dois últimos também vencedores do Nobel de Literatura.

É interessante notar que os temas até agora observados nos romances de Coetzee também estão presentes em sua leitura crítica de outros escritores. Muitos deles trabalham seus projetos literários ao longo do mesmo período contemplado por ele: a segunda metade do século XX e, em alguns casos, como Philip Roth e García Márquez, também este início do século XXI. A seleção crítica de Coetzee privilegia as obras que de alguma forma refletem sobre as reformulações culturais que diferentes nações enfrentaram e continuam enfrentando em nosso cenário contemporâneo.

É o que se encontra, por exemplo, nas considerações feitas sobre a obra do alemão W. G. Sebald, nascido em 1944 e falecido em 2001. Sua obra, segundo Coetzee, é um “blend of storytelling, travel record, fictive biography, antiquarian essay, dream and philosophical rumination, executed in elegant if rather lugubrious prose and supplemented with photographic



documentation” (COETZEE, 2007, p. 145). Efetivamente, trata-se de autor que, ao mesmo tempo em que permanece em um registro estilístico convencional, traça novas formas de mesclar gêneros literários. Dois dos livros de Sebald foram traduzidos para o português, pela editora Record: *Os emigrantes*, em 2002, e *Os anéis de Saturno*, também no mesmo ano.

Coetzee apresenta a idéia de que a obra de Sebald retrata sujeitos deslocados, que erram por uma Alemanha (e também pela Áustria) que perdeu seu norte em um passado recente, que oscila entre o resgate doloroso e a obliteração coletiva da memória: “The tone of their lives is defined by a hard-to-articulate sense that they do not belong in the world” (COETZEE, 2007, p. 145), que é exatamente o mesmo pano de fundo encontrado nos conflitos dos estrangeiros, como constatado em *Juventude e Slow man*. Ocorre em Sebald o mesmo embate entre a autodefesa que bloqueia o passado e a desconfortável busca por algo que se reconhece perdido, mas que não se sabe o que é.

Seus livros normalmente são narrados em primeira pessoa, por um narrador que é também um viajante. Por vezes, esse sujeito é relacionado diretamente com aquilo que Coetzee denomina “historical W. G. Sebald”, ou seja, o próprio autor, externo ao livro. São relatos de viagens que se misturam com memórias e considerações sobre a arquitetura, a geografia e a condição de vida daqueles que vivem e viveram no local pelo qual o narrador passa. Tanto *Os emigrantes* quanto *Os anéis de Saturno* formam um todo a partir da união de algumas partes: viagens distintas, não necessariamente conectadas cronologicamente, originam relatos independentes. A reflexão, em Sebald, é sempre fruto do deslocamento.

O uso constante de fotografias nos livros de Sebald, que são incorporadas ao texto, ao longo dos capítulos, é uma tentativa de relacionar uma possível identidade do sujeito, que é narrada, com o ambiente real ao redor, na esperança de que haja uma identificação. As fotos não servem como ilustração: são signos que desviam aquilo que é narrado para uma outra interpretação possível. Sebald subverte o uso corrente das imagens em textos históricos, por exemplo. A herança histórica material é distinta da herança histórica subjetiva, e o encontro do texto com a imagem apresenta, sutilmente, essa disjunção. É o jogo entre um significante imutável, a fotografia, e um referente móvel e fluido, que é a memória.

Ao comentar as revisões históricas que realiza W. G. Sebald, Coetzee reforça o fato de que este autor desmonta certos posicionamentos, próprios do senso comum, presentes na Alemanha e na Áustria. Sebald revisa a idéia de que o período anterior a 1914, na Alemanha e na Europa de uma forma geral, teria sido um tempo de tranqüilidade ideal: “the pré-1914 idyll reveals itself to be without foundation.” (COETZEE, 2007, p. 147). Sebald vai retrocedendo



progressivamente aquilo que Coetzee chama de “wrong turn”, posicionando esse momento equivocado da história cada vez mais para o passado, até que ele se perca.

Coetzee finaliza o ensaio com as idéias de Sebald sobre temas como “terra natal”, “lar”, “familiaridade” e “território”. A literatura do escritor alemão promove o diálogo entre a vida subjetiva do sujeito e as transformações do ambiente social, postulando que são entidades indissociáveis. Seus protagonistas vagam por lugares ermos, conhecidos no passado (presentes somente nas fotos), mas que já não oferecem identificação possível. Em um espaço geográfico e cultural que vem sendo continuamente desfigurado, ao longo de anos, sentir-se em casa é uma impossibilidade, ou um processo desgastante e permanente: “he suggests that for today’s Austrians (...) there ought to be something ghostly in feeling at home.” (COETZEE, 2007, p. 147).

Um outro ensaio de *Inner workings*, que aborda questões semelhantes, é aquele que Coetzee dedica ao escritor indiano V. S. Naipaul, também vencedor do Nobel de Literatura. O olhar crítico de Coetzee percorre continuamente esses espaços (geográficos e culturais) que oferecem a reflexão sobre o pertencimento, a memória e a herança cultural. Por isso a presença da África do Sul e da Austrália em sua ficção, o interesse pela Alemanha e Áustria de W. G. Sebald, e agora a Índia (sempre em sua articulação com a Inglaterra colonizadora) de V. S. Naipaul.

O livro que Coetzee analisa é *Half a life*, publicado em 2001. Naipaul parte de um evento real para construir sua ficção: a visita do escritor inglês William Somerset Maugham à Índia, em busca de iluminação espiritual, durante a década de 30. Ele estava lá para conhecer “a man who, born Venkataraman, had retreated into a life of silence, self-mortification, and prayer, and was now known simply as the Maharshi.” (COETZEE, 2007, p. 272). Maugham, anos mais tarde, publicaria um livro contando essa história, de forma ficcional: desta vez um americano que viaja para a Índia, em busca de lições orientais de vida, e volta para sua terra determinado a disseminar essa mensagem.

Naipaul, portanto, resgata a apropriação inglesa de uma história indiana. Seu percurso é mais amplo, uma vez que ele desloca a história até a geração do avô do Maharshi, passa pelo pai até chegar ao filho, na década de 30. Ou seja, Naipaul reconstrói o contexto indiano que levou esse homem a abraçar um regime de silêncio completo e auto-mortificação, que seria (como efetivamente o foi) divulgado para o mundo inteiro pelo escritor britânico William Somerset Maugham.



Contudo, Coetzee observa que está em jogo, no livro de Naipaul, uma revisão da crença ingênua de que certos procedimentos religiosos indianos, como a auto-negação (não comer, não falar), são puramente espirituais, sem qualquer elemento político em sua formação. A divulgação destes procedimentos é sempre seletiva: o escritor britânico está interessado, assim como o estrangeiro em geral, na espiritualidade, no caminho da luz, no produto final que a Índia oferece, sem considerar a violência institucional que reside por baixo desse processo.

Por isso que Naipaul escolhe um discurso literário estabelecido como base para construir o seu: quer confrontar duas idéias de Índia, quer narrar uma nação distinta daquela que fora propagada na literatura britânica de fins do século XIX e início do século XX. Faz um movimento contrário à idealização e à homogeneização confortável daquilo que é distinto, diferente e classificado como “exótico”.

Half a life promove uma outra representação da comunidade religiosa indiana, baseada na análise de eventos históricos. Naipaul apresenta o seguinte desenvolvimento: durante séculos, a Índia manteve templos cheios de sacerdotes e oferendas, que passaram a ser progressivamente atacados durante invasões estrangeiras, desde os árabes até os britânicos. As invasões fizeram com que os templos, e os sacerdotes, fossem abandonados: “Temple priests became trapped in a vicious cycle: poverty led to loss of energy and desire, which led to passivity, which led to deeper poverty.” (COETZEE, 2007, p. 273). Ou seja, por imposições de ordem política, os sacerdotes encontravam-se em uma situação de extrema pobreza, sem ter o que comer.

É neste contexto que ocorre uma inversão de valores, “an ingenious transvaluation of values: going without food, and denial of the appetites in general, was propagated as admirable in itself, worthy of veneration and hence of tribute.” (COETZEE, 2007, p. 273). Essa é a origem do procedimento de elevação espiritual que mais tarde seria reverenciado, não somente pelo escritor britânico, mas por tantos ao redor do mundo que entraram em contato com essa manifestação religiosa, difundida somente pela metade. Não escapa a Naipaul a ironia da situação: em Maugham, ocorre uma versão britânica posterior da história, que suplanta exatamente a parte violenta da colonização da Índia por parte da Inglaterra. De modo que a ficção recente de Naipaul trabalha com inclusões na ordem desse discurso e na representação da comunidade religiosa indiana.

Coetzee assinala que o ponto-chave de *Half a life* é o momento em que Chandran, o protagonista, se torna o Maharshi que encontrará, em seguida, o escritor britânico. Chandran não era de forma alguma um religioso, era uma espécie de “rebelde”, interessado em boicotar o sistema, em expressar sua contrariedade. Em determinado ponto da narrativa, seus atos de “civil



disobedience” são descobertos e ele é ameaçado “with the law”, e nesse ponto: “he takes sanctuary in one of the temples, and there protects himself from what he chooses to call persecution by taking a vow of silence. His vow turns him into a local hero. People come to watch him” (COETZEE, 2007, p. 275). O percurso de Naipaul leva o leitor até a revelação de quem é aquele sábio indiano, mestre da autonegação: um arruaceiro esperto que decidiu usar os mitos locais a seu favor e assim escapar da polícia.

Inner workings, o livro de ensaios de J. M. Coetzee, oferece muitos outros exemplos de escritores comprometidos com um projeto literário que resgate aspectos culturais esquecidos. As análises de Coetzee são exemplos de pertinência crítica e argumentativa, pois os temas abordados estão entre os mais debatidos no cenário acadêmico contemporâneo. Suas análises oferecem também uma via reflexiva de mão-dupla: a leitura de seus ensaios ajuda a compreender os procedimentos utilizados em sua ficção, da mesma forma que a familiaridade com seus romances torna mais produtiva a leitura de suas considerações críticas. O trajeto pretendido por este trabalho foi justamente esse: partir do projeto ficcional que Coetzee promove em seus livros, de preocupação com o diálogo entre o nacional e o global, entre o próprio e o alheio, e alcançar a amplitude de suas considerações críticas recentes, que oferecem uma visão produtiva do contexto contemporâneo. Um ambiente que diz respeito a todos nós, quer estejamos no centro, nas margens ou em ambos, simultaneamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COETZEE, J. M. **Inner workings: literary essays, 2000-2005**. New York: Viking, 2007.

_____. **Juventude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Slow man**. New York: Penguin, 2005a.

_____. **Elizabeth Costello**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Vida e época de Michael K**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Desonra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEBALD, W. G. **Os emigrantes**. Rio de Janeiro: Record, 2002.